

# DOMÍNIOS (IN)VULNERÁVEIS DA COMPETÊNCIA BILÍNGUE

Cristina Flores

UNIVERSIDADE DO MINHO - PORTUGAL

## 1. Introdução

UMA DAS HIPÓTESES MAIS DEBATIDAS NA ÚLTIMA DÉCADA, na área de investigação da aquisição bilingue, é a ideia de que certos domínios gramaticais são mais vulneráveis à ocorrência de interferências que outros. Segundo Hulk e Müller (2000) e Müller e Hulk (2001), impulsionadoras desta hipótese, os aspectos morfossintáticos que são regulados por factores semânticos ou pragmáticos são mais difíceis de controlar pelo falante bilingue do que outros fenómenos. Estudos posteriores sobre a aquisição bilingue vieram propor a vulnerabilidade da interface sintaxe-discurso durante o processo de aquisição (p.ex. Haznedar, 2007; Paradis & Navarro, 2003; Serratrice, Sorace, & Paoli, 2004), hipótese depois transposta para outros domínios de investigação, como a aquisição de segundas línguas por parte de adultos (Belletti, Bennati, & Sorace, 2007; Iverson, Kempchinsky, & Rothman, 2008; Rothman, 2007a; Sorace & Filiaci, 2006) e a erosão da língua ou o bilinguismo de herança<sup>1</sup> (Montrul, 2004; Rothman, 2007b; Tsimpli, Sorace, Heycock, & Filiaci, 2004).

Os aspectos mais estudados neste âmbito têm sido a expressão do sujeito e do objecto. Os estudos desenvolvidos nesta área têm mostrado

<sup>1</sup> Este termo, ainda pouco difundido em Portugal, corresponde à tradução do conceito inglês *heritage bilingualism*, que se refere ao bilinguismo dos emigrantes de segunda e terceira geração.

83

DOMÍNIOS (IN)  
VULNERÁVEIS DA  
COMPETÊNCIA  
BILÍNGUE

Cristina Flores

que, tanto crianças como adultos bilingues, que falam pares de línguas [+] e [-] *pro-drop*<sup>[2]</sup> (p. ex. a combinação inglês-espanhol, estudada por Montrul, 2004), apresentam dificuldades na realização do sujeito. Uma das observações mais frequentes diz respeito à tendência que estes falantes apresentam em generalizar a realização fonética do sujeito na língua de sujeito nulo (Argyri & Sorace, 2007; Montrul, 2004; Sorace, Serratrice, Filiaci, & Baldo, 2009; Tsimpli *et al.*, 2004). Esta tendência mostra claramente a influência da língua [-] *pro-drop* sobre a língua [+] *pro-drop*, no entanto, o contrário, isto é, a generalização do sujeito nulo em contextos que exigem a sua realização por influência da língua de sujeito nulo sobre a língua [-] *pro-drop*, ainda não foi observado na literatura (Lozano, 2009). O mesmo se observa em estudos que incidem sobre a realização do objecto tópico (cf. Montrul, 2004), o que levanta a questão se a influência verificada a este nível é unidireccional, isto é, da língua com condições de omissão mais restritas sobre a língua que admite sujeitos e objectos nulos, ou se esta tendência se deve ao facto de a maioria dos estudos observar o par de línguas espanhol-inglês, sendo o inglês (a língua [-] *pro-drop*) a língua do meio dominante. Um estudo que tem em conta o meio dominante em que vive o falante bilingue é o de Argyri e Sorace (2007), que encontram efeitos de transferência interlinguística em crianças bilingues inglês-grego, sendo que metade vive na Inglaterra e a outra metade na Grécia. As autoras concluem, no entanto, que a influência observada se dá apenas do inglês sobre o grego nas crianças que residem no meio ambiente predominantemente inglês e não vice-versa (Argyri & Sorace, 2007: 94).

Contudo, alguns estudos que investigam a aquisição de uma segunda língua por adultos, que são falantes nativos de uma língua [+] *pro-drop* e aprendem outra língua de sujeito nulo, têm demonstrado que, mesmo nestes casos, os falantes tendem a generalizar a realização fonética dos pronomes na L2. Bini (1993), por exemplo, mostra que falantes nativos de espanhol que estão a aprender o italiano em estádios intermédios de aprendizagem produzem significativamente mais sujeitos realizados do que falantes monolíngues. Resultados semelhantes são apresentados por Margaza e Bel (2006) em relação

<sup>2</sup> O termo língua [+] *pro-drop* refere-se às línguas que permitem a omissão do sujeito em determinados contextos, como o português, enquanto [-] *pro-drop* se refere às línguas que não permitem sujeitos nulos, como o inglês ou o alemão.

a falantes gregos que aprendem espanhol. Estes falantes aparentam ter conhecimento do valor [+ sujeito nulo] da sintaxe espanhola, mas mostram défices relativamente à distribuição pragmática dos sujeitos (Margaza & Bel, 2006: 92), apesar de o grego e o espanhol serem muito idênticos relativamente às condições sintáticas e pragmáticas que regulam a expressão pronominal do sujeito.

Os estudos citados vêm demonstrar que o factor da influência interlinguística por si só não é suficiente para explicar a vulnerabilidade da interface sintaxe-discurso. Neste sentido, Sorace e Serratrice (2009) discutem outras variáveis que podem afectar a realização de estruturas de interface, entre elas o factor extralinguístico QUANTIDADE E TIPO DE CONTACTO, concluindo que este é um factor crucial na aquisição e retenção da competência linguística de falantes bilingues. Vários estudos que focam o papel do factor QUANTIDADE E TIPO DE CONTACTO na aquisição da língua sublinham que uma criança bilingue que esteja consideravelmente menos exposta a uma língua desenvolve uma competência menos estável na língua menos usada. Chan (2010), por exemplo, estuda crianças bilingues cantonês-ínglês, que recebem menos *input* da língua cantonesa do que as crianças monolingues da mesma idade, concluindo que as crianças bilingues mostram maior instabilidade no uso das construções de duplo objecto com o verbo *bei2* ('dar'). Relativamente aos fenómenos situados na interface entre sintaxe e discurso, os resultados apresentados por Serratrice, Sorace, Filiaci e Baldo (2009) e Sorace, Serratrice, Filiaci e Baldo (2009) reforçam a ideia de que os fenómenos de interface sejam especialmente sensíveis a situações de exposição reduzida. As crianças bilingues de italiano e inglês que vivem em meio ambiente predominantemente italiano cometem muito menos erros em relação à distribuição de pronomes (realizados e omitidos) do que as crianças bilingues que vivem no meio ambiente inglês. Hipótese similar é proposta por Tsimpli *et al.* (2004), desta feita, em relação a adultos. As autoras sugerem que falantes nativos de uma língua de sujeito nulo, que vivem num meio ambiente dominante de uma língua [-] *pro-drop*, tendem a produzir significativamente mais sujeitos com distribuição pragmática inapropriada do que os falantes nativos que vivem na sua terra natal.

Os estudos em torno de falantes de herança sustentam a importância do factor QUANTIDADE E TIPO DE CONTACTO. A exposição dos imigrantes de segunda e terceira geração à língua dos seus pais e avós é muito mais reduzida e qualitativamente diferente do *input* que recebem as

crianças nativas, o que poderá explicar os resultados mais baixos destes falantes, obtidos em testes gramaticais, em comparação com falantes nativos da mesma língua (cf. Montrul, 2004 e 2010; Pires & Rothman, 2009; Polinsky, 2008).

Os casos de crianças adoptadas por casais de nacionalidade diferente da sua, investigados por autores como Hyltenstam, Bylund, Abrahamsson e Park (2009), Pallier, Dehaene, Poline, LeBihan, Argenti, Dupoux e Mehler (2003) e Ventureyra e Pallier (2004) demonstram que, em casos extremos de perda total de contacto, os falantes tendem a perder por completo a sua competência produtiva (e receptiva) na língua não usada. No entanto, nestes casos, é imperativo ter em conta o factor *IDADE*. A maioria dos estudos sobre erosão da língua tem realçado a importância deste factor na ocorrência de efeitos de erosão (cf. Bylund, 2009, para uma discussão alargada). A perda de contacto com a L1 ou a L2 em idade pré-pubertária leva à ocorrência de níveis de erosão muito mais expressivos do que a perda de exposição à língua em idades mais avançadas (cf. Flores, 2010; Kaufman, 2001; Kaufman & Aronoff, 1991; Turian & Altenberg, 1991; Kuhberg, 1992; Hansen & Shewell, 2002).

## 2. O presente estudo

O presente estudo tem como objectivo investigar a vulnerabilidade dos diferentes domínios da língua, comparando a proficiência de falantes bilingues luso-alemães relativamente a dois aspectos distintos do alemão: a produção de objectos tópicos, um fenómeno de interface entre a sintaxe e o discurso (Avrutin, 1999), e o posicionamento do verbo, uma propriedade gramatical que é puramente sintáctica na língua alemã. Os participantes são ex-emigrantes de segunda geração, que cresceram num meio ambiente predominantemente alemão (Alemanha ou Suíça alemã) e vieram viver para Portugal em certo momento das suas vidas. Além disso, o estudo pretende relacionar os resultados obtidos com variáveis extra-gramaticais, tais como a *IDADE DE REGRESSO* a Portugal e a *QUANTIDADE E TIPO DE CONTACTO* com a língua alemã após o regresso.

A presente análise tem como ponto de partida o estudo apresentado em Flores (2010). Com base em dados de fala semi-espontânea, em Flores (2010), foi estudada a competência sintáctica de dezasseis ex-emigrantes de segunda geração. O objectivo consistiu em analisar

a proficiência dos participantes relativamente à ordem do verbo na frase alemã, nomeadamente a sua posição em orações V2 e em orações subordinadas. Tendo como base a sua idade de regresso a Portugal (isto é, a idade em que perderam o contacto diário e contínuo com a língua alemã), os participantes foram divididos em dois grupos de 8. O primeiro grupo incluiu falantes que vieram viver para Portugal na infância (entre os sete e os dez anos de idade), enquanto o segundo grupo continha os falantes que tinham mais de onze anos quando deixaram a Alemanha/Suíça. Os resultados demonstraram que há uma idade crítica para a retenção de saber linguístico, uma vez que os falantes que perderam o contacto com o alemão em idade pré-pubertária apresentaram muito mais erros de posicionamento verbal do que os falantes com regresso mais tardio. Estes demonstraram ter um conhecimento bastante estável das regras de ordem verbal, mesmo aqueles participantes que já não falavam alemão há mais de vinte anos. Estes resultados suportam a ideia, primordialmente proposta por Penfield e Roberts (1959) e Lenneberg (1967), de que o desenvolvimento da nossa faculdade de linguagem é um processo de maturação, influenciado pelo factor IDADE. Se o falante bilingue luso-alemão mantém o contacto contínuo com a língua alemã até aos 11/12 anos de idade, a sua competência sintáctica estabiliza-se e não é afectada por processos de erosão em caso de perda de contacto com a língua em fase posterior.

No entanto, o estudo apresentado em Flores (2010) está centrado apenas na proficiência dos participantes relativamente à posição do verbo, uma propriedade puramente sintáctica. O propósito da presente análise consiste em centrar a atenção num fenómeno que não seja puramente sintáctico. Tendo em conta a discussão apresentada na secção anterior, a expressão do objecto parece ser um aspecto linguístico proficuo para análise, uma vez que é um domínio da língua em que a sintaxe interage com a pragmática.

A base de dados consiste em entrevistas orais transcritas, colectadas no âmbito de um projecto de investigação mais abrangente, o qual incluiu entrevistas a sessenta ex-emigrantes luso-alemães de segunda geração.<sup>[3]</sup> Uma vez que o propósito deste artigo consiste em

<sup>3</sup> Projecto POCI/LIN/ 59780/2004 - “O Bilinguismo luso-alemão no Contexto Europeu”, financiado pela Fundação de Ciência e Tecnologia, em execução de 1-1-2005 a 30-6-2008.

comparar a proficiência dos participantes relativamente a dois domínios linguísticos distintos e relacionar os resultados obtidos com factores extralinguísticos, foram feitas algumas alterações aos grupos em comparação com o estudo apresentado em Flores (2010). Os dois grupos principais (GRUPO 1 e GRUPO 2) foram reduzidos a seis participantes cada<sup>4</sup> e foi acrescentado um terceiro grupo de seis participantes (GRUPO 3), com falantes bilingues que se mudaram para Portugal enquanto adolescentes ou jovens adultos, mas que continuam a falar alemão no seu dia-a-dia. Contrariamente aos participantes dos primeiros dois grupos, estes falantes não sofreram uma redução drástica de *input* da língua alemã quando deixaram a Alemanha/Suíça.

## 2.1. Expressão do objecto e posição do verbo

A omissão do objecto directo tópico é uma propriedade típica do português europeu. Caracteriza-se pela sua natureza pragmática, pelo que, segundo Huang (1984: 549), apenas ocorre em línguas “orientadas para o discurso”, como o português. Segundo Huang, também o alemão partilha algumas das características das línguas “orientadas para o discurso”, uma vez que também possui tópicos nulos, no entanto, a construção alemã apresenta restrições sintácticas não partilhadas pelo português.

Seguindo a proposta de Huang (1984) para o chinês, Raposo (1986) analisa a construção de objecto nulo do português como uma variável, ligada a um tópico-zero em posição A' (em CP). O objecto nulo é, portanto, caracterizado pela ocorrência de uma categoria vazia na posição do argumento interno do verbo transitivo, o qual é pragmaticamente identificável e por isso sintacticamente projectável.

Se num determinado contexto o sintagma nominal (SN) «o filme» é o tópico da conversa, o exemplo apresentado em (1) seria uma frase portuguesa com objecto nulo:

---

<sup>4</sup> Foram excluídas as duas participantes do Grupo 1 (*Child Returnees*), que tinham a Idade de Regresso mais baixa (7 anos), uma vez que apresentavam muitas dificuldades na produção de um discurso coeso em alemão. Consequentemente, a quantidade de objectos tópicos que produziram era insuficiente para inclusão na presente análise. Com o objectivo de manter o mesmo número de participante por grupo, também os outros grupos foram limitados a 6 participantes cada.

(1) A Joana viu \_ na TV ontem. (Raposo, 1986)

O alemão, por sua vez, possui a construção conhecida por *topic-drop*. Tal como o objecto nulo, esta é uma construção de tópico nulo. Em semelhança à construção portuguesa, a ocorrência de *topic-drop* é licenciada pelo discurso. No entanto, a omissão do SN tópico é constringida pelo efeito V2: apenas ocorre após o movimento do SN tópico para a posição inicial da frase (o pré-campo da frase alemã). Este movimento, por sua vez, tem de satisfazer as condições sintácticas do efeito V2: uma vez ocupada a primeira posição pelo SN tópico (não sujeito), o sujeito permanece numa posição abaixo de V-em-C°. Além disso, a primeira posição, que alberga o tópico nulo, não pode ser ocupada por outros constituintes. Isto significa que uma frase alemã com a construção *topic-drop* se inicia pelo verbo e este, por sua vez, é seguido pelo sujeito.

O exemplo (2) mostra uma frase alemã com *topic-drop*, produzida no mesmo contexto discursivo de (1), sendo o SN «o filme» o tópico da conversa e, conseqüentemente, omitido:

(2) Ø Hat Joana gestern im Fernseh'n gesehen.  
Ø tem Joana ontem na televisão visto  
(A Joana viu ontem na televisão.)

Em suma, o português e o alemão exibem processos semelhantes de realização de tópicos nulos, no entanto, a construção alemã é muito mais limitada do que a portuguesa. Ao contrário do português, o alemão apresenta as seguintes restrições sintácticas:

- a) *Topic-drop* apenas ocorre em orações V2, ou seja, a construção é restringida a orações-raiz, sendo agramatical em orações encaixadas.
- b) O elemento omitido tem de estar na primeira posição da frase.
- c) Apenas um constituinte pode ser suprimido.

O objecto nulo do português, por sua vez, pode ocorrer em orações encaixadas, pode co-ocorrer com a omissão de outros elementos (por exemplo o sujeito) e não existe o efeito V2.

Neste sentido, as frases (3a) e (3b) são agramaticais em alemão. Se o tópico nulo está na primeira posição da frase (no pré-campo), esta

posição não pode albergar o sujeito “Joana”, como em (3a) ou o advérbio *gestern* (“ontem”), como em (3b). Estes teriam que permanecer no campo médio (isto é, numa posição à direita do verbo).

- (3) a. \*Joana Ø hat gestern im Fernseh'n gesehen.  
*Joana Ø tem ontem na televisão visto*  
*(Joana viu ontem na televisão.)*  
b. \*Gestern Ø hat Joana im Fernseh'n gesehen.  
*ontem Ø tem Joana na televisão visto*  
*(Ontem a Joana viu na televisão.)*

Contrariamente à expressão do objecto tópico, a posição do verbo na frase alemã é um aspecto puramente sintáctico, sem qualquer influência pragmática (Grewendorf, 1980). A língua alemã é tipicamente classificada como língua OV (cf. Platzack, 1986), o que significa que o sintagma verbal (SV) e o sintagma temporal (ST) sejam de núcleo final. Uma vez que o alemão também é uma língua V2, a posição do verbo finito na estrutura frásica está bem definida. Em orações-raiz o verbo finito move-se para a segunda posição (a posição de C<sup>0</sup>), como demonstrado no exemplo (4a). Em orações encaixadas, introduzidas por um complementador, a posição de C<sup>0</sup> está ocupada pela conjunção ou pelo pronome subordinativo, o que impede o verbo de se mover para a segunda posição. Consequentemente, este permanece na posição final da frase (OV), como exemplificado em (4b).

- (4) a. Gestern **hat** Joana im Fernseh'n einen Film gesehen.  
*ontem **tem** a Joana na televisão um filme visto*  
*(Ontem a Joana viu um filme na televisão.)*  
b. (Ich bin mir sicher,  
dass Joana gestern im Fernseh'n einen Film gesehen **hat**.  
*que a Joana ontem na televisão um filme visto **tenha***  
*(Eu tenho a certeza,*  
*que a Joana viu um filme na televisão ontem)*

O português é uma língua VO, o que significa que tanto o SV como o ST são de núcleo inicial. O verbo move-se de V<sup>0</sup> para T<sup>0</sup> tanto em orações-raiz como em orações encaixadas.



## 2.2. Participantes

Os participantes são emigrantes portugueses de segunda geração, que cresceram na Alemanha ou na parte alemã da Suíça e vieram viver para Portugal ainda durante a infância, na adolescência ou enquanto jovens adultos. Todos os informantes nasceram no país de emigração ou emigraram em idade muito precoce (até aos três anos de idade), tendo adquirido então o alemão e o português quase em simultâneo. Todavia, no caso de emigrantes de segunda geração, não é fácil classificar as duas línguas segundo a tipologia mais corrente de primeira e segunda língua (L1 e L2, respectivamente), uma vez que estes falantes partilham um processo de aquisição da língua muito particular. Se tivermos em conta a ordem de aquisição, a primeira língua a ser adquirida é, em geral, a língua de herança, neste caso o português, que é a língua falada em casa, com os pais. A língua maioritária, neste caso o alemão, é adquirida em segundo lugar, no entanto, esta torna-se rapidamente a língua dominante destes falantes, que a usam em toda a interação diária fora de casa. Assim, tendem a atingir competência nativa no alemão, ao passo que consideram ter bastantes dificuldades no uso do português (Senra, 2010).

Os participantes foram incluídos em três grupos diferentes, com base nas variáveis IDADE DE REGRESSO e QUANTIDADE E TIPO DE CONTACTO. Seguindo Flores (2010), onde se demonstrou que a idade em torno dos onze anos é uma fase crítica para a retenção de saber linguístico no domínio do posicionamento verbal, foram constituídos dois subgrupos principais: um grupo de seis participantes que vieram viver para Portugal antes dos onze anos de idade (GRUPO 1) e um grupo de seis informantes que regressaram com idades compreendidas entre os doze e os catorze anos (GRUPO 2). Quanto à variável QUANTIDADE E TIPO DE CONTACTO, os participantes de ambos os grupos têm contacto muito reduzido com o alemão. Adicionalmente, um terceiro grupo (GRUPO 3) de seis participantes funciona como grupo de controlo. Estes falantes bilingues de segunda geração mudaram-se para Portugal em idades compreendidas entre os dezasseis e os vinte e sete anos. Ao contrário dos participantes dos Grupos 1 e 2, mantêm contacto regular com o alemão.

O Grupo 1 inclui os participantes Tiago, Rita, Iolanda, Sofia, Irene e Sílvia.<sup>[5]</sup> A idade de regresso destes falantes varia entre os sete e os dez anos (média = 8,8 anos; desvio padrão (DP) = 1,2). A idade média do grupo aquando da gravação é de 16,7 (DP = 4,5). Sofia e Sílvia nasceram na Suíça, tendo-se mudado para Portugal com os pais aos nove e dez anos de idade, respectivamente. Na Suíça frequentavam o primeiro ciclo do ensino público, quando os pais decidiram voltar à sua terra natal. Como a maioria dos participantes, afirmaram ter sentido dificuldades de integração quando foram para a escola portuguesa, uma vez que, durante o período de emigração, falavam predominantemente alemão. O português só era falado em casa, com os pais. Tiago e Rita são os participantes que apresentam a idade de regresso mais baixa (7 e 8 anos, respectivamente). Ambos nasceram no norte da Alemanha. Tiago vive em Portugal há doze anos, ao passo que Rita veio viver para Portugal há cerca de três anos. Ambos têm irmãos, com quem comunicavam maioritariamente em alemão, enquanto viviam na Alemanha, mas o português tornou-se rapidamente a sua principal língua de comunicação após o regresso da família. Iolanda é a única participante que adquiriu o alemão e o português de forma simultânea desde o seu nascimento, uma vez que a sua mãe é emigrante de segunda geração, ela própria falante bilingue de português e alemão, tendo falado com a filha sempre ambas as línguas. Iolanda é a participante que apresenta o menor tempo de estada em Portugal (2 anos). No momento da entrevista está totalmente integrada na escola portuguesa e não deseja voltar à Alemanha. Irene emigrou com os pais aos dois anos de idade e voltou a Portugal quando tinha dez anos. Durante a primeira entrevista a falante afirmou nunca mais ter falado alemão depois de ter voltado a Portugal. Aliás, esta é uma das características que os falantes deste grupo têm em comum. Todos afirmaram ter sofrido uma redução drástica do seu contacto com a língua alemã, por isso, não tinham a certeza se seriam capazes de falar em alemão durante a entrevista, embora estivessem com motivação para o tentar.

O tempo de estada em Portugal deste grupo, isto é, o período sem contacto contínuo com o alemão, varia entre os 2,1 e os 12,0 anos (média = 7,8; DP = 4,5). Efectivamente, há uma grande variação em relação ao

---

<sup>5</sup> Para proteger a identidade dos participantes, foram-lhes atribuídos pseudónimos.

tempo de estada destes falantes, no entanto, muitos estudos centrados na erosão da língua durante a infância atestam que, em idade pré-pubertária, os efeitos de erosão tendem a surgir muito cedo, isto é poucos meses depois da mudança do meio linguístico envolvente. As crianças estudadas por Kaufman e Aronoff (1991), Kuhberg (1992) e Tomiyama (2000), por exemplo, começaram a exibir sinais de erosão antes de completarem dois anos de residência no novo meio linguístico. Assim, e seguindo a argumentação apresentada em Flores (2010), com base nos estudos citados, para os participantes deste grupo foi definido o limite mínimo de dois anos de tempo de estada.

Os participantes Inês, Alice, Paula, Bruna, Anita e Carlos integram o Grupo 2. No momento da entrevista têm entre dezanove e trinta e quatro anos de idade (média = 23; DP = 5,5), tendo vindo viver para Portugal entre os doze e os catorze anos (média = 12,66; DP = 0,8). Alice e Paula emigraram para a Suíça aos dois anos de idade, tendo voltado à terra natal aos doze anos. Quando aceitaram integrar o presente estudo, ambas eram alunas do ensino superior. Após o regresso a Portugal, deixaram de falar alemão no seu quotidiano. Os outros participantes cresceram na Alemanha, apresentando percursos de aquisição e uso das línguas muito semelhantes. Antes da mudança para Portugal o alemão era a língua mais usada no seu dia-a-dia, no entanto, com o regresso deu-se uma redução drástica do contacto com esta língua. Por conseguinte, o contacto destes falantes com a língua alemã é classificado como “muito reduzido”. Neste grupo, o tempo de estada em Portugal varia entre os 6,1 e os 22 anos (média = 10,3; DP = 5,8).

Ao contrário dos primeiros dois grupos, os participantes incluídos no Grupo 3 (Nadja, Patrícia, Ilda, Luisa, Filipe e Adriana) mantêm um contacto muito regular com a sua L2. Nadja, Luísa e Ilda estudaram Germanística e trabalham como professoras ou tradutoras de alemão, enquanto Adriana trabalha numa empresa alemã. Patrícia e Filipe viajam com muita frequência para a Alemanha, pois as suas famílias continuam a viver no país de emigração. Ambos têm amigos com quem falam diariamente em alemão. Os participantes deste grupo tinham entre dezasseis e vinte e sete anos quando decidiram vir para Portugal (média = 20; DP = 4). No momento da gravação têm entre vinte e dois e trinta anos de idade (média = 26,3; DP = 5,2). O Grupo 3 exhibe a maior variação relativamente ao tempo de estada em Portugal (de 1,3 a 17 anos), no entanto, no caso deste grupo, o factor TEMPO DE ESTADA é menos relevante

do que no caso dos outros dois grupos, já que os participantes continuam a usar o alemão no seu dia-a-dia, ou seja, a vinda para Portugal não constituiu um momento de mudança drástica no uso da L2.

Na Tabela 1 é apresentada uma sinopse dos dados dos participantes:

**Tabela 1.** Idade de regresso, idade actual, tempo de estada em Portugal e tipo de contacto com a L2 dos participantes por grupo

Grupo	Participantes	Idade de Regresso	Idade actual	Tempo de estada	Tipo de contacto
Grupo 1	Tiago	7	19	12,0	muito reduzido
	Rita	8	11	2,9	
	Iolanda	9	11	2,1	
	Sofia	9	20	11,7	
	Irene	10	18	7,0	
	Sílvia	10	21	11,3	
Média (Desvio Padrão)		8,8 (1,2)	16,7 (4,5)	7,8 (4,5)	
Grupo 2	Inês	12	34	22,0	muito reduzido
	Alice	12	19	7,2	
	Paula	12	21	9,8	
	Bruna	13	20	6,6	
	Anita	13	22	8,5	
	Carlos	14	22	8,0	
Média (Desvio Padrão)		12,7 (0,8)	23 (5,5)	10,3 (5,8)	
Grupo 3	Nadja	16	23	6,8	frequente
	Patrícia	17	22	5,3	
	Ilda	18	35	17,0	
	Luísa	21	22	1,3	
	Filipe	21	26	5,8	
	Adriana	27	30	3,1	
Média (Desvio Padrão)		20 (4)	26,3 (5,2)	6,5 (5,5)	

### 2.3. Base de dados

A base de dados é constituída por fala oral, transcrita e codificada para análise. As gravações tiveram lugar na Universidade do Minho, na casa dos participantes ou em locais por eles sugeridos (por exemplo, em cafés). O *corpus* é constituído por três momentos distintos: uma entrevista de cariz biográfico, durante a qual o participante falava as suas vivências de emigração e remigração, assim como o uso das línguas antes e após a vinda para Portugal; uma situação de comunicação menos guiada em que o participante é levado a conversar sobre as diferenças culturais e sociais entre Portugal e a Alemanha/Suíça, através da apresentação de estímulos visuais; por fim, a narração de uma história (*A Carochinha e o João Ratão*) a partir de um livro de imagens e a descrição de uma fotografia que retrata uma cena em família.

## 3. Hipóteses

As diferenças sintácticas entre o português e o alemão, descritas na secção anterior, assim como a divisão dos participantes em três grupos distintos, com base nos critérios QUANTIDADE E TIPO DE CONTACTO COM A L2 E IDADE DE REGRESSO, permitem testar várias hipóteses.

Em primeiro lugar, as línguas em contacto apresentam diferenças substanciais relativamente aos fenómenos sintácticos sob investigação. As diferenças no domínio da expressão do objecto tópico são de particular interesse, uma vez que o português, a língua dominante dos falantes investigados, permite a omissão do objecto tópico num leque mais abrangente de contextos do que o alemão, a língua em erosão. Neste sentido, o presente estudo permite testar a eventual influência de uma língua de objecto nulo sobre uma língua que apresenta mais restrições na omissão do objecto tópico, uma hipótese pouco estudada, já que na esmagadora maioria dos estudos desenvolvidos nesta área a língua dominante é a que não permite omissões de objecto ou sujeito (quase sempre o inglês).

Assim sendo, em caso de ocorrência de influência interlinguística, o falante bilingue luso-alemão que apresenta erosão no domínio da expressão do objecto a nível da língua alemã irá omitir o objecto tópico em contextos não permitidos, nomeadamente no campo médio

de orações-raiz e em orações encaixadas. Neste caso, confirmar-se-ia a ideia, ainda não comprovada, de que a influência interlinguística neste domínio é bidireccional, isto é, tanto pode levar à generalização do uso aberto do objecto, quando a língua dominante é de expressão pronominal obrigatória, como pode ter como efeito a omissão não gramatical do objecto quando a língua de objecto nulo exerce influência sobre a língua de objecto expresso.

Em segundo lugar, este estudo tem a particularidade de permitir contrastar a proficiência do mesmo falante relativamente a duas propriedades gramaticais muito distintas: por um lado, a ordem do verbo na frase, um aspecto puramente sintáctico, e, por outro lado, a expressão do objecto tópico, uma propriedade gramatical influenciada por condicionamentos discursivos. A questão que se impõe verificar é se os falantes bilingues em situação de erosão, devido à redução de *input*, demonstram efeitos de erosão semelhantes em ambos os domínios ou se existem substanciais diferenças entre eles, tal como proposto na literatura (veja a discussão *supra*).

Além disso, a inclusão de um terceiro grupo de participantes que mantêm um contacto contínuo com o alemão após a mudança para Portugal, permite testar o factor QUANTIDADE E TIPO DE CONTACTO. O papel decisivo deste factor confirma-se caso sejam observadas diferenças significativas entre os falantes bilingues que usam a língua alemã produtivamente no seu dia-a-dia e os participantes que deixaram de falar alemão.

A terceira hipótese a testar diz respeito ao factor IDADE. O estudo apresentado em Flores (2010) mostra que a faixa etária entre os dez e os doze anos constitui uma fase crítica para a retenção de saber linguística no domínio da ordem de palavras. Os participantes que sofreram a perda de *input* contínuo do alemão antes desse período apresentaram um nível elevado de erosão neste domínio, enquanto os falantes bilingues que deixaram de contactar diariamente com a língua alemã depois dos onze anos de idade exibiram um conhecimento bastante robusto relativamente à posição do verbo. No entanto, alguns estudos na área da erosão da língua têm demonstrado que a interface entre a sintaxe e o discurso tende a ser mais vulnerável do que outros domínios da língua. Neste sentido, impõe-se verificar se a fase crítica dos dez aos doze anos também é válida para o domínio da expressão do objecto, isto é, se o falante bilingue estabiliza a sua competência linguística

neste domínio, mantendo um contacto contínuo com a língua-alvo até à idade crítica, ou se este fenómeno linguístico continua vulnerável à perda de *input*, mesmo quando esta se dá em idade mais avançada (por exemplo na adolescência).

## 4. Resultados

### 4.1. A expressão do objecto tópico

Para efeitos de contagem foram quantificadas todas as frases com objecto directo tópico, isto é, as frases em que o argumento interno do verbo tenha estatuto de informação já conhecida no contexto discursivo, referindo (anaforicamente) a uma entidade já mencionada.

No alemão, esta função de objecto tópico pode ser realizada por pronomes pessoais (como *es/sie/ihn*), pelo pronome demonstrativo *das* ou por pronomes indefinidos (p.ex. *welche, keinen*). Nestes casos o pronome pode ocorrer na posição de pré-campo (exemplo 5a) ou no campo médio da frase (exemplo 5b). Todos os SNs lexicais foram excluídos da análise. Nos gráficos, as ocorrências com objecto tópico pronominalmente realizado são registadas sob a sigla OBJ\_PRON.

Exemplos:

- (5) a. Ja, aber ich... In der Schweiz ist ein Land, der hat Italienisch, Französisch,...
- (Sim, mas eu... Na Suíça é um país, que tem italiano, francês...)
- und **das**<sup>[6]</sup> kann ich auch. (Sílvia)
- e **isso** sei eu também  
(e isso também sei.)
- b. Der Kleine hat ein Modellflugzeug.  
(O pequeno tem um avião-modelo.)
- Wollte **ihn** ausprobieren. Dann haben sie **es** halt ausprobiert.  
(Alice)
- queria **o** experimentar. Depois têm eles **o** experimentado.  
(Queria experimentá-lo. Depois experimentaram-no.)

<sup>6</sup> Quando realizado em posição inicial de frase, o objecto directo assume a forma do pronome demonstrativo *das*, visto *es* não ocorrer nesta posição

Note-se que, neste contexto, no português, o objecto pode ser realizado ou omitido:

- (6) a. Depois experimentaram-**no**.  
b. Depois experimentaram.

Além das frases em que o objecto tópico é foneticamente realizado, foram contabilizadas as frases com omissão do tópico, que em alemão coloquial é gramatical, isto é, as construções de *topic-drop*, em que o objecto tópico é movido para o pré-campo e posteriormente omitido (marcadas com a sigla TOPIC\_DROP). No seguinte excerto, o tópico ao qual o participante Carlos se está a referir são as revistas alemãs.

- (7) a.  $\emptyset$  Habe ich gekauft (, damit ich das deutsche Fernsehen zu Hause sehe).

*tenho eu comprado*

*(Comprei[-as] para poder ver televisão alemã em casa.)*

O terceiro tipo de frases contabilizadas diz respeito às construções agramaticais, em que o objecto tópico é omitido em contextos sintácticos que não os de *topic-drop*, ou seja, no campo média de orações-raiz como exemplificado em (8a) ou em orações subordinadas (exemplo 9a). Nos gráficos, estas ocorrências são identificadas como \*OBJ\_NULO. As versões gramaticais das frase são apresentadas, respectivamente, em (8b) e (9b).

Exemplos:

- (8) a. O tópico da conversa são «os pobres»:  
\*Hier in Portugal, hier in Braga sehe ich  $\emptyset$  manchmal.  
(Anita)  
*aqui em Portugal aqui em Braga vejo eu às vezes*  
*(Aqui em Portugal, aqui em Braga vejo[-os] às vezes.)*  
b. Hier in Portugal, hier in Braga sehe ich **es/das/sie** manchmal.

- (9) a. A participante está a falar de «igualdade de direitos»: (Bruna)  
Glaube ich, \*dass  $\emptyset$  die Männer und die Frauen auch haben, die beiden.

*que os homens e as mulheres também têm os dois*

*(Eu acho que os homens e as mulheres também têm, ambos.)*



b. ..., dass **das/es** die Männer und die Frauen auch haben.

A construção de objecto nulo distingue-se de outras construções que também parecem apresentar objectos sem realização lexical e que, por isso, são facilmente confundidos com a primeira, nomeadamente o fenómeno conhecido por OBJECTO NÃO ESPECIFICADO (*unspecified object*, Raposo, 1986: 376).

O objecto não especificado ocorre apenas com uma classe muito restrita de verbos, por exemplo, ‘fumar’, ‘ler’ ou ‘comer’. Os objectos internos destes verbos são determinados “em termos culturalmente invariáveis, designando normalmente um tipo genérico ou canónico” (Carrilho, 1994: 110), e não exibem a mesma dependência pragmática que caracteriza o objecto nulo. Por exemplo, o evento designado pelo predicado ‘fumar’ envolve o objecto genérico ‘cigarro’, sem necessidade de referência a um cigarro concreto, ou ‘ler’ implica que “algo” seja lido, sem que seja necessário referir um livro específico. Além disso, alguns autores atribuem ao objecto não especificado um significado imperfectivo (“*imperfective meaning*”, Raposo, 1986: 376).

Tendo um carácter universal e não partilhando as exigências pragmáticas do objecto nulo, é natural que, ao contrário do último, o objecto não especificado também ocorra no alemão, tal como exemplificado na frase (10). Estas ocorrências não são contabilizadas na análise do *corpus*.

- (10) Wenn ich Zeit habe, lese ich sehr gerne.  
(Quando tenho tempo, gosto de ler.)

Os resultados individuais dos participantes são apresentados no Gráfico 1. A Tabela 2 indica os valores médios e o desvio padrão por grupo.

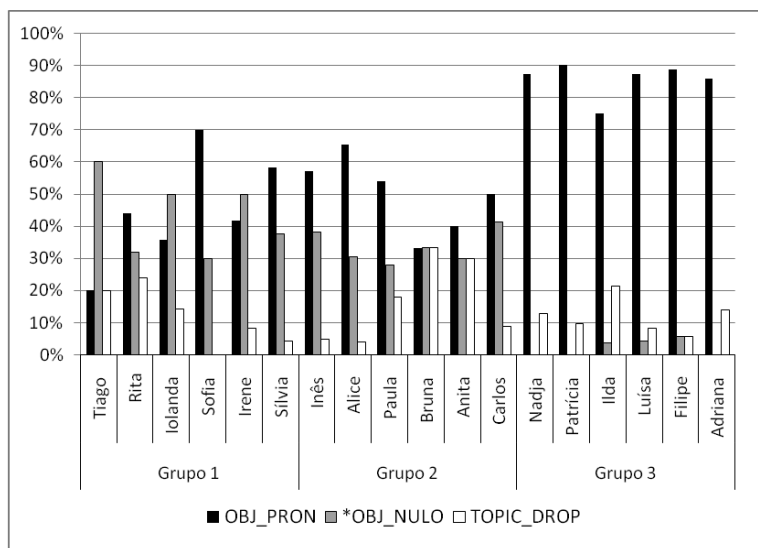


Gráfico 1. Formas de expressão do objecto tópico por grupo (em %)

**Tabela 2.** A expressão do objecto tópico. Média de realização do objecto pronominal, no objecto nulo agramatical e de topic-drop por grupo (em %) e o respectivo desvio padrão.

	Objecto Pronominal	*Objecto Nulo	Topic-Drop
Grupo 1	Média	44,9	43,3
	Desvio Padrão	17,5	11,9
	Mínimo - Máximo	20-70	30-60
Grupo 2	Média	49,9	33,5
	Desvio Padrão	11,7	5,1
	Mínimo - Máximo	33,3-65,3	28-41,2
Grupo 3	Média	85,8	2,2
	Desvio Padrão	5,5	2,5
	Mínimo - Máximo	75-90,3	0-5,6

Como se pode verificar no Gráfico 1 e na Tabela 2, os resultados são bastante expressivos. Um teste estatístico *Kruskal-Wallis* mostra que existem diferenças significativas entre os três grupos relativamente à realização pronominal do objecto tópico (?  $\chi^2(2) = 11.415$ ,  $p = .003$ ) e à sua omissão agramatical (?  $\chi^2(2) = 12.290$ ,  $p = .002$ ). Apenas em relação à construção de frases com *topic-drop*, os três grupos não mostram qualquer diferença significativa (?  $\chi^2(2) = .266$ , n.s.).

O fenómeno de omissão agramatical do objecto é muito expressivo no Grupo 1. A média de omissão é de 43,3% (DP = 11,9), com valores que variam entre os 30% e os 60%. Isto significa que os seis participantes deste grupo omitem o objecto tópico em contextos não permitidos no alemão. No caso dos participantes Tiago, Iolanda e Irene a média de omissões agramaticais até é mais alta que a média de realizações pronominais do objecto. Porém, a comparação dos resultados do Grupo 1 com os resultados do Grupo 2 mostra que os participantes de ambos os grupos apresentam níveis de proficiência muito semelhantes relativamente à expressão do objecto tópico. Um teste não-paramétrico *Mann-Whitney* indica que não existem, de facto, diferenças significativas entre ambos os grupos, tanto em relação à produção de objectos pronominais ( $Z = -.320$ , n.s.), como em relação à omissão agramatical do objecto ( $Z = -1.366$ , n.s.) e à produção de construções com *topic-drop* ( $Z = -.641$ , n.s.). A média de omissão agramatical do objecto é de 33,5% (DP = 5,1) neste segundo grupo.

As seguintes frases, retiradas da base de dados, mostram exemplos de omissão agramatical em orações-raiz (11a) e em orações encaixadas (11b).

(11) a. O tópico da conversa é o alfabeto português:

\*Ich hab Ø nie gesagt, nur manchmal mit meine Schwester.

(Iolanda)

*eu tenbo nunca dito, só às vezes com a minha irmã*

(Eu nunca dizia, só às vezes com a minha irmã.)

b. O tópico da conversa é a proficiência a nível do alemão:

Ich weiß nicht, \*ob ich Ø jetzt beherrsche.

(Paula)

se eu agora domino

(Não sei se domino agora.)

Os resultados do terceiro grupo contrastam claramente com os dados dos falantes dos grupos um e dois. Os participantes do Grupo 3, isto é, os falantes bilingues que usam as duas línguas frequentemente no seu dia-a-dia, revelam ser altamente proficientes no domínio linguístico sob investigação. A média de desvios agramaticais é, neste caso, inferior a 3%. Os valores de omissão agramatical do objecto vão de 0 a 5,6%. Três participantes não apresentam qualquer omissão agramatical; em dois casos (Ilda e Filipe) regista-se um único exemplo num universo de 28 e 18 contextos de expressão do objecto tópico, respectivamente. A participante Luísa produz duas frases em que omite o objecto tópico em contextos não gramaticais num total de 48 ocorrências. Nas quatro frases desviantes, encontradas na base de dados do Grupo 3, a omissão ocorre apenas em orações-raiz.

Em suma, a presente análise mostra que os falantes que continuam a ter exposição contínua ao alemão, mesmo após o regresso a Portugal, possuem competência alta no domínio da expressão do objecto tópico. Ao contrário, os falantes que perderam o contacto contínuo com o alemão, apresentam défices na realização do objecto, tendendo a omitir o argumento em contextos não permitidos no alemão.

Note-se, ainda, que os três grupos não diferem significativamente em relação à produção de orações com *topic-drop*, mostrando que os falantes dominam esta construção, comum no alemão falado.

#### 4.2. A expressão do objecto e a ordem do verbo

Passemos agora à comparação dos resultados relativos à expressão do objecto com a proficiência dos participantes no domínio da ordem de palavras. A análise do posicionamento do verbo nos Grupos 1 e 2 está documentada detalhadamente em Flores (2010), onde foi comparada a proficiência dos participantes que vieram para Portugal na infância (Grupo 1) com a dos falantes que perderam o contacto contínuo com o alemão a partir dos onze anos de idade (Grupo 2). No estudo citado foram analisados três contextos específicos de posicionamento verbal: o efeito V2, a posição final do verbo finito em orações encaixadas e a posição final do verbo não finito em construções verbais complexas. No presente estudo, iremos concentrar-nos apenas na proficiência dos dezoito participantes em relação ao fenómeno de V2 e à posição final do

verbo em orações encaixadas. As médias de agramaticalidade nestes domínios serão posteriormente contrastadas com a média de desvios no domínio da expressão argumental.

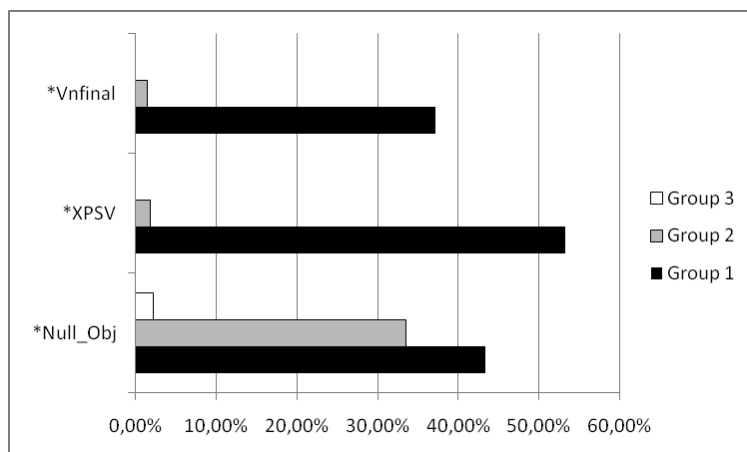
A análise do efeito V2 incide sobre todas as orações da base de dados que não se iniciam por sujeito. Nesse caso, no alemão, o verbo tem de estar na segunda posição da frase (daí a expressão do inglês *verb second*), sendo seguido pelo sujeito, que conseqüentemente ocupa a terceira posição. Por sua vez, o movimento do sujeito para uma posição à esquerda do verbo resulta numa construção frásica agramatical (seguidamente designada de \*XPSV).

Nas orações encaixadas, introduzidas por complementador, no alemão, o verbo surge sempre na última posição da frase. Neste caso, são construções agramaticais aquelas frases em que o verbo se movimenta para uma projecção superior, por exemplo, para uma posição imediatamente à direita do sujeito a à esquerda do objecto. Na presente análise, este tipo de ocorrências agramaticais é marcada como \*Vnfinal.

O Gráfico 2 e a Tabela 3 apresentam as médias de desvios agramaticais nos dois domínios a contrastar. Os resultados são bem expressivos. Os participantes do Grupo 1 apresentam altas taxas de construções agramaticais nos três domínios. A média de ocorrência de construções \*XPSV é de 53,3% (DP = 19,5), sendo o valor mínimo de 33% e o máximo de 88%. O segundo contexto de posicionamento verbal (a posição final do verbo em orações encaixadas) apresenta resultados muito semelhantes. A média de desvios neste domínio é de 37,2% (DP = 36,5) neste grupo de falantes. Estes números mostram claramente que a perda precoce de contacto contínuo com a o alemão leva a grande instabilidade na competência sintáctica dos falantes no domínio da ordem do verbo. No entanto, neste grupo, a baixa proficiência dos falantes também se estende ao domínio da expressão do objecto. Como foi demonstrado na secção anterior, a média de desvios neste domínio é de 43,3% neste grupo.

Antes de discutirmos os resultados do Grupo 2, que são particularmente interessantes, passamos à análise dos dados relativos ao Grupo 3, o nosso grupo de controlo. Os resultados prévios, relativos à expressão do objecto, revelaram que estes falantes apresentam uma proficiência muito alta neste domínio: a média de ocorrências agramaticais é de 2,2%. Os resultados da análise do domínio de posicionamento verbal reforçam esta conclusão. Nenhum dos seis participantes produziu frases em que a ordem do verbo é agramaticalmente alterada, nem em

orações-raiz que exigem V2, nem em orações encaixadas, nas quais o verbo tem de estar na última posição da frase.



104

MÚLTIPLOS  
OLHARES SOBRE  
O BILINGUISMO

Gráfico 2. *Expressão do objecto e ordem do verbo: média de ocorrências agramaticais por grupo.*

**Tabela 3.** *Expressão do objecto e ordem do verbo. Média de ocorrências agramaticais (em %), desvio padrão e valores mínimos / máximos por grupo.*

	*Null Obj	*XPSV	*Vnfinal	
Grupo 1	Média	43,3	53,3	37,2
	Desvio Padrão	11,9	19,5	36,5
	Mínimo	30,0	33,0	,0
	Máximo	60,0	88,0	78,0
Grupo 2	Média	33,5	1,8	1,5
	Desvio Padrão	5,1	2,2	2,3
	Mínimo	28,0	,0	,0
	Máximo	41,2	6,0	5,0
Grupo 3	Média	2,2	,0	,0
	Desvio Padrão	2,5	,0	,0
	Mínimo	,0	,0	,0
	Máximo	5,6	,0	,0

Contudo, os resultados mais interessantes são os do Grupo 2, os participantes que deixaram a Alemanha entre os 12 e os 14 anos e perderam o contacto diário com a língua alemã. A discussão em 4.1 mostrou que não existem diferenças significativas entre os resultados do Grupo 1 e do Grupo 2 no que toca a expressão do objecto. Como os participantes que vieram para Portugal ainda na infância, também estes falantes do Grupo 2 apresentam altas taxas de omissão agramatical do objecto directo: produzem uma média de 33,5% de construções agramaticais de objecto nulo (DP = 5,1). Porém, se passarmos ao domínio da ordem verbal, as diferenças entre o Grupo 1 e o Grupo 2 crescem substancialmente. No Grupo 2 a média de desvios atinge apenas os 1,8% no contexto V2 (DP = 2,2) e 1,5% nas orações encaixadas que exigem a posição final do verbo (DP = 2,3). Um teste não-paramétrico *Mann-Whitney* confirma que não existem diferenças estatísticas entre o Grupo 1 e o Grupo 2 relativamente à omissão agramatical do objecto ( $Z = -1.366$ ,  $p = .172$ ), por um lado, mas que as diferenças entre ambos os grupos são estatisticamente muito significativas no domínio do posicionamento verbal em orações-raiz ( $Z = -2,892$ ,  $p = .004$ ) e em orações encaixadas ( $Z = -2,325$ ,  $p = .020$ ). Os resultados individuais do Grupo 2 confirmam que todos os seis participantes omitem o objecto em contextos que não permitem a sua omissão no alemão. No entanto, nenhum apresenta défices substanciais relativamente à colocação do verbo na frase. Como se pode ver no Gráfico 3, dois participantes não cometem nenhum erro relacionado com V2, enquanto nos outros casos a percentagem de desvios vai de 1,6% a 6,8%. Alice e Paula produzem uma frase \*XPSV (num total de 64 e 53 frases), Carlos produz duas (contra 87 frases correctas) e Inês quatro (num total de 71 frases). Relativamente à posição final do verbo em orações encaixadas, a maioria dos participantes não comete qualquer erro do tipo \*Vnfinal. Por sua vez, as taxas de agramaticalidade das duas falantes que apresentam desvios neste contexto são muito baixas, situando-se nos 5%.

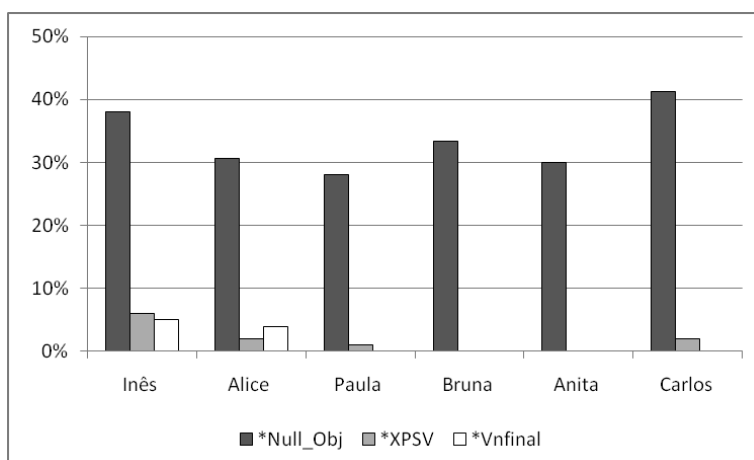


Gráfico 3. *Expressão do objecto e ordem do verbo: resultados individuais do Grupo 2.*

## 5. Discussão

Relativamente ao domínio da expressão do objecto tópico em alemão, os resultados mostram diferenças significativas entre dois grupos de falantes bilingues. Os participantes que mudaram de ambiente linguístico dominante mas que continuam a usar a língua alemã produtivamente no seu dia-a-dia (Grupo 3) não apresentam défices no uso do objecto tópico na sua L2. Ao contrário, os falantes que perderam o contacto contínuo com a língua alemã depois da vinda para Portugal (os participantes do Grupo 1 e do Grupo 2) apresentam grande instabilidade neste domínio linguístico, tendendo a omitir o objecto tópico em contextos não permitidos no alemão (no campo médio de orações-raiz e em orações encaixadas). Estas construções agramaticais de omissão argumental assemelham-se à construção portuguesa de objecto nulo, o que sugere que a transferência interlinguística seja um processo decisivo neste contexto. Aparentemente estes falantes transferem o objecto nulo do português para o alemão. É de realçar, no entanto, que os mesmos continuam a usar construções de *topic-drop*, gramaticais no alemão falado, o que sugere que seria errado afirmar que estes falantes substituíram as regras de omissão do objecto tópico do alemão pelo sistema de regras que subjaz à construção de objecto



nulo do português. Será, pois, mais adequado propor, à semelhança de Sorace *et al.* (2009), que os participantes apresentam opcionalidade no uso das construções de objecto tópico. Os mesmos oscilam entre o uso correcto destas construções (por exemplo quando usam o *topic-drop*) e o uso de construções agramaticais (quando omitem o objecto em contextos não permitidos).

Os resultados demonstram ainda que os participantes do Grupo 1, isto é, aqueles que vieram para Portugal antes dos 12 anos de idade, produzem mais construções agramaticais com o objecto omitido do que os falantes que regressaram na adolescência (entre os 12 e os 14 anos de idade). Contudo, as diferenças, estatisticamente, não são significativas. Estes resultados contrastam claramente com os dados da análise referente ao posicionamento verbal. Neste caso, a idade dos 11/12 anos parece ser uma fase crítica para a estabilização da competência linguística, uma vez que os falantes que deixaram de contactar com o alemão antes desta idade apresentam um elevado grau de erosão no domínio da ordem verbal, oscilando continuamente entre a colocação correcta do verbo nos dois contextos analisados e a construção de orações agramaticais do tipo \*XPSV e \*Vnfinal. Ao contrário, os participantes do Grupo 2 exibem uma competência muito estável a este nível, apesar de também terem perdido o contacto regular com a língua alemã. A média de TEMPO DE ESTADA em Portugal é de aproximadamente dez anos neste grupo (10,3), ultrapassando a média de estada do Grupo 1, que não atinge os oito anos (7,8). Em Flores (2010) é defendida a ideia de que as propriedades puramente sintácticas, como a ordem do verbo, são apenas marginalmente afectadas por erosão, se a perda de *input* ocorrer após a idade crítica dos 11/12 anos. Aparentemente, este conhecimento gramatical estabiliza-se na mente do falante, se este receber exposição contínua da língua em causa até à idade crítica, tornando-se depois resistente a erosão. No entanto, os nossos dados indicam que esta observação não se aplica ao domínio da expressão do objecto. Ao contrário das propriedades puramente sintácticas, a realização do objecto tópico parece ser um domínio que necessita de *input* contínuo de modo a resistir a erosão linguística, não estando sujeito a nenhum tipo de maturação. Os falantes do Grupo 2 não apresentam défices em relação à ordem do verbo, mas omitem o objecto tópico em contextos agramaticais. Estes dados confirmam as diferenças entre os aspectos gramaticais que são puramente sintácticos

e as propriedades situadas na interface entre a sintaxe e o discurso quanto ao seu grau de vulnerabilidade em situações de erosão. Os nossos dados indicam que as propriedades gramaticais que são influenciadas por factores pragmáticos são susceptíveis a sofrer erosão se o falante bilingue deixar de usar uma das suas línguas produtivamente no seu quotidiano. Neste caso, o factor QUANTIDADE E TIPO DE CONTACTO parece ser mais importante que o factor IDADE.

Por fim, o presente estudo também confirma que a transferência interlinguística desempenha um papel importante neste contexto. As ocorrências de omissão agramatical identificadas na base de dados são indubitavelmente o resultado da influência do português, que permite a omissão do objecto tópico (o objecto nulo) em contextos mais abrangentes que os contextos de *topic-drop* do alemão. Além disso, foi demonstrado que o processo de transferência não ocorre apenas de línguas mais restritivas para línguas menos restritivas relativamente à omissão de elementos da frase, como documentado em Montrul (2004) ou Argyri e Sorace (2007), mas também se dá o inverso, como no presente caso: a língua que apresenta mais restrições relativamente à omissão do objecto tópico (o alemão) é influenciada pela língua menos restritiva, resultando na omissão agramatical do objecto em contextos não possíveis na língua-alvo.

Neste sentido, o actual estudo não confirma a hipótese da unidireccionalidade da transferência interlinguística na interface entre discurso e sintaxe, como foi proposto por Argyri e Sorace (2007).

## 6. Conclusão

O presente artigo centrou-se no desenvolvimento da proficiência linguística de falantes bilingues luso-alemães que cresceram num ambiente linguístico predominantemente alemão e se mudaram para um ambiente predominantemente português, tendo como objectivo central observar a ocorrência de efeitos de erosão nos grupos de falantes que perderam o contacto contínuo com o alemão.

Como ponto de partida deste estudo serviu uma questão actualmente debatida no campo de investigação da aquisição e erosão da língua em contexto de bilinguismo: será que os fenómenos situados na interface entre discurso e sintaxe são mais vulneráveis do que os

fenómenos puramente sintácticos? Com o objectivo de investigar mais detalhadamente esta questão, lançada por Sorace (2004), o corpus de fala oral, transcrito, foi analisado, comparando-se a proficiência dos falantes relativamente a dois domínios distintos da língua: a expressão do objecto directo tópico e a ordem do verbo na frase.

Os resultados demonstram que o fenómeno situado na interface discurso-sintaxe, isto é, a expressão do objecto tópico, é de facto mais susceptível a sofrer erosão do que o fenómeno regulado apenas por constrangimentos sintácticos (a posição do verbo). O uso gramatical do objecto tópico depende da exposição contínua do falante à língua-alvo. Quando se dá uma redução significativa dessa exposição, o falante bilingue luso-alemão, que perde o contacto com a língua alemã, tende a omitir o objecto tópico em contextos que não permitem a sua omissão no alemão. Nestes casos, observámos a omissão do objecto nos contextos em que o português admite o objecto nulo, o que é indicativo da ocorrência de processos de transferência do português para o alemão.

Já a ordem do verbo, um aspecto considerado puramente sintáctico no alemão, é um domínio cujo desenvolvimento é influenciado por factores maturacionais. Depois de o conhecimento das regras de ordem verbal se ter estabilizado na mente do falante, o que parece acontecer por volta dos 11/12 anos de idade, este conhecimento torna-se altamente resistente a processos de erosão.

109

DOMÍNIOS (IN)  
VULNERÁVEIS DA  
COMPETÊNCIA  
BILÍNGUE

Cristina Flores

## Referências

- ARGYRI, E. & Sorace, A. (2007), "Crosslinguistic influence and language dominance in older bilingual children", *Bilingualism: Language and Cognition*, 10 (1), pp. 79-99.
- AVRUTIN, S. (1999), *Development of the Syntax-Discourse Interface*, Kluwer Academic Publishers, Dordrecht.
- BELLETTI, A., BENNATI, E. & SORACE, A. (2007), "Theoretical and developmental issues in the syntax of subjects: evidence from near-native Italian", *Natural Language and Linguistic Theory*, 25, pp. 657-689.
- BINI, M. (1993), "La adquisición del italiano: más allá de las propiedades sintácticas del parámetro pro-drop", in J. M. Liceras (ed.), *La lingüística y el análisis de los sistemas no nativos*, Ottawa: Dovehouse, pp. 126-139.

- CARRILHO, E. (1994), *A Topicalização e a Construção de Objecto Nulo no Desenvolvimento Sintático do Português Europeu*. Tese de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- CHAN, A. (2010), "The Cantonese double object construction with *bei2* 'give' in bilingual children: The role of input", *International Journal of Bilingualism*, 14 (1), pp. 65-85.
- FLORES, C. (2010), "The effect of age on language attrition: Evidence from bilingual returnees", *Bilingualism: Language and Cognition*, 13 (4), pp. 533-546.
- GREWENDORF, G. (1980), "Funktionale Satzperspektive und deutsche Wortstellung", *Linguistische Berichte*, 66, pp. 28-41.
- HAZNEGAR, B. (2007), "Crosslinguistic Influence in Turkish-English Bilingual First Language Acquisition: The Overuse of Subjects in Turkish", in A. Belikova, L. Meroni & M. Umeda (eds.), *Proceedings of the 2nd Conference on Generative Approaches to Language Acquisition North America (GALANA)*, Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, pp. 124-134. <http://www.lingref.com/cpp/galana/2/paper1553.pdf> (acedido a 26 de Abril de 2010).
- HANSEN, L. & SHEWELL, J. (2002), "Keeping a second language: The influences of literacy and motivation in the attrition of Japanese, Chinese and Korean", *Korean Journal of Applied Linguistics*, 18 (2), pp. 61-83.
- HUANG, J. (1984), "On the Distribution and Reference of Empty Pronouns", *Linguistic Inquiry*, 15 (4), pp. 531-574.
- HYLTENSTAM, K., BYLUND, E. ABRAHAMSSON, N. & PARK, H-S. (2009), "Dominant-language replacement: The case of international adoptees", *Bilingualism: Language and Cognition*, 12, pp. 121-140.
- IVERSON, M., KEMPCHINSKY, P. & ROTHMAN, J. (2008), "Interface vulnerability and knowledge of the subjunctive/indicative distinction with negated epistemic predicates in L2 Spanish", *EUROSLA Yearbook*, 8, pp. 135-163.
- KAUFMAN, D. (2001), "Tales of L1 attrition - Evidence from pre-puberty children", in T. Ammerlan, M. Hulsen, H. Strating & K. Yamur (eds.), *Sociolinguistic and psycholinguistic perspectives on maintenance and loss of minority languages*, Münster: Waxmann, pp. 185-202.
- KAUFMAN, D. & ARONOFF, M. (1991), "Morphological disintegration and reconstruction in first language attrition", in H. W. Seliger & R. M. Vago (eds.), *First language attrition*, Cambridge: Cambridge University Press, pp. 175-188.
- KÖPKE, B. (2004), "Neurolinguistic aspects of attrition", *Journal of Neurolinguistics*, 17 (1), pp. 3-30.

- KÖPKE, B. & SCHMID, M. (2004), "Language attrition: The next phase", in M. Schmid, B. Köpke, M. Keijzer & L. Weilemar (eds.), *First language attrition: Interdisciplinary perspectives on methodological issues*, Amsterdam: John Benjamins, pp. 1-47.
- KUHBERG, H. (1992), "Longitudinal L2-attrition versus L2-acquisition, in three Turkish children - empirical findings", *Second Language Research*, 8 (2), pp. 138-154.
- LENNEBERG, E. (1967), *Biological Foundations of Language*, New York: John Wiley.
- LOZANO, C. (2009), "Selective deficits at the syntax-discourse interface: Evidence from the CEDEL2 corpus", in Y. Leung, N. Snape & M. Sharwood-Smith (eds.), *Representational Deficits in Second Language Acquisition*, Amsterdam: John Benjamins, pp. 127-166.
- MARGAZA, P., & BEL, A. (2006), "Null Subjects at the Syntax-Pragmatics Interface: Evidence from Spanish Interlanguage of Greek Speakers", in M. Grantham O'Brien, C. Shea & J. Archibald (eds.), *Proceedings of the 8th Generative Approaches to Second Language Acquisition Conference (GASLA 2006)*, Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, pp. 88-97. <http://www.lingref.com/cpp/gasla/8/paper1491.pdf> (acedido a 26/04/2010).
- MONTRUL, S. (2004), "Subject and object expression in Spanish heritage speakers: a case of morphosyntactic convergence", *Bilingualism: Language and Cognition*, 7 (2), pp. 125-142.
- MONTRUL, S. (2010), "How similar are adult second language learners and Spanish heritage speakers? Spanish clitics and word order", *Applied Psycholinguistics* 31, pp. 167-207.
- PALLIER, C., DEHAENE, S., POLINE, J.-B., LEBIHAN, D., ARGENTI, A.-M., DUPOUX, E., & MEHLER, J. (2003), "Brain imaging of language plasticity in adopted adults: Can a second language replace the first?", *Cerebral Cortex*, 13, pp. 155-161.
- PARADIS, J., & NAVARRO, S. (2003), "Subject realization and crosslinguistic interference in the bilingual acquisition of Spanish and English", *Journal of Child Language*, 30, pp. 1-23.
- PENFIELD, W. & ROBERTS, L. (1959), *Speech and Brain Mechanisms*, New York: Atheneum.
- PIRES, A. & ROTHMAN, J. (2009), "Disen tangling sources of incomplete acquisition: An explanation for competence divergence across heritage grammars", *International Journal of Bilingualism*, 13(2), pp. 211-238.
- PLATZACK, C. (1986), "COMP, INFL, and Germanic Word Order", in L. Hellan & K. Koch Christensen (eds.), *Topics in Scandinavian Syntax*, Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, pp. 185-234.

- POLINSKY, M. (2008), "Gender under Incomplete Acquisition: Heritage Speakers' Knowledge of Noun Categorization", *Heritage Language Journal*, 6 (1), pp. 40-71.
- RAPOSO, E. (1986), "On the Null Object in European Portuguese", in O. Jaeggly & C. Silva-Corvalán (eds.), *Studies in Romance Linguistics*, Dordrecht: Foris, pp. 373-419.
- ROTHMAN, J. (2007a), "Pragmatic solutions for syntactic problems: understanding some L2 syntactic errors in terms of pragmatic deficits", in S. Baauw, F. Dirjkoningen & M. Pinto (eds.), *Romance languages and linguistic theory*, Amsterdam: John Benjamins, pp. 297-318.
- ROTHMAN, J. (2007b), "Heritage speaker competence differences, language change and input type. Inflected infinitives in heritage Brazilian Portuguese", *International Journal of Bilingualism*, 11 (4), pp. 359-389.
- ROTHMAN, J. (2009), "Understanding the nature and outcomes of early bilingualism: Romance languages as heritage languages", *International Journal of Bilingualism*, 13 (2), pp. 155-163.
- SENRA, T. (2010), *Sprachkompetenz der 2. Generation portugiesischer Migranten in Hamburg: unvollständiger Erwerb?*, Tese de Mestrado, Universidade do Minho, Braga.
- SERRATRICE L., SORACE, A. & PAOLI, S. (2004), "Crosslinguistic influence at the syntax-pragmatics interface: subjects and objects in English-Italian bilingual and monolingual acquisition", *Bilingualism: Language and Cognition*, 7 (3), pp. 183-205.
- SERRATRICE, L., SORACE, A., FILIACI, F. & BALDO, M., (2009), "Bilingual children's sensitivity to specificity and genericity: Evidence from metalinguistic awareness", *Bilingualism: Language and Cognition*, 12 (2), pp. 239-257.
- SORACE, A. (2003), "Near-nativeness", in C. Doughty & M. Long (eds.), *The handbook of second language acquisition*, Oxford: Blackwell, pp. 130-152.
- SORACE, A. (2004), "Native language attrition and developmental instability at the syntax-discourse interface: data, interpretations and methods", *Bilingualism: Language and Cognition*, 7 (2), pp. 143-145.
- SORACE, A. & FILIACI, F. (2006), "Anaphora resolution in near-native speakers of Italian", *Second Language Research*, 22, pp. 339-368.
- SORACE, A., SERRATRICE, L., FILIACI, F. & BALDO, M. (2009), "Discourse conditions on subject pronoun realization: Testing the linguistic intuitions of bilingual children", *Lingua*, 119, pp. 460-477.
- TOMIYAMA, M. (2000), "Child second language attrition: A longitudinal case study", *Applied Linguistics*, 21 (3), pp. 304-332.

- TSIMPLI I., SORACE, A., HEYCOCK, C., & FILIACI, F. (2004), "First language attrition and syntactic subjects: a study of Greek and Italian near-native speakers of English", *International Journal of Bilingualism*, 8 (3), pp. 257-277.
- TURIAN D. & ALTENBERG, E.P. (1991), "Compensatory strategies of child first language attrition", in H.W. Seliger & R.M. Vago (eds.), *First Language Attrition*, Cambridge: Cambridge University Press, pp. 207-226.
- VENTUREYRA, V. & PALLIER, C. (2004), "In search of the lost language: The case of adopted Koreans in France", in M. Schmid, B. Köpke, M. Keijzer & L. Weilemar (eds.), *First language attrition: Interdisciplinary perspectives on methodological issues*, Amsterdam: John Benjamins, pp. 207-221.

